

CORPO, LIBERDADE E ANARQUISMO:

Perspectivas libertárias nas páginas do jornal *A Plebe* durante a primeira metade do século XX.

Ana Claudia Ribas

Doutorando no Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas -
UFSC

*As flores do mal são cogumelos de néon glacê
A juventude tem um tempo certo pra se corromper
O anarquismo é o anjo da guarda de todo prazer.*

*“Fanzine”
Hanoi-Hanoi
Composição : Arnaldo Brandão/ Tavinho Paes*

Introdução

Na segunda metade do século XIX o Brasil vivia um período de mudanças sociais e econômicas, estimulando a migração de europeus, que chegavam as terras do além-mar em busca de novas oportunidades para uma vida melhor. Estes traziam consigo novos elementos culturais frutos de experiências diferenciadas, que passariam a influir no cotidiano brasileiro. Alguns, além de suas poucas bagagens, trouxeram ainda, idéias que marcariam o século XX e que construiriam um importante momento da história brasileira: tratavam-se dos socialismos em suas mais diferentes perspectivas, e entre eles, o anarquismo.

Com a urbanização brasileira centrada no eixo Rio-São Paulo no século XIX, e sua expansão industrial entre os anos de 1900 e 1920, muitos produtos antes importados, passam a ser produzidos no mercado interno. Com este grande crescimento industrial cresce, simultaneamente, a classe operária. As condições que envolviam o trabalho industrial eram precárias. As jornadas de trabalho eram estafantes, durando em média dezesseis horas por dia, seis dias por semana. Os salários eram baixos, e na esfera

política, o único direito dos operários era votar, por ocasião das eleições.¹

É neste contexto que florescem os ideários socialistas. É válido ressaltar que se tratava de um momento novo para o Brasil, que até então só havia convivido com trabalhadores cativos e autônomos. Esta nova classe operária, composta em grande parte por imigrantes europeus (representavam 51% dos trabalhadores industriais em São Paulo e 35% o Rio de Janeiro²) em muito influenciaram na politização desta classe trabalhadora.

Muitas organizações operárias socialistas passaram a surgir a partir de greves, que eclodiam em grande número nos primeiros anos do século XX.³ E foi neste contexto, que vários periódicos foram fundados com intuito de divulgar notícias sobre as movimentações grevistas, dando início à chamada imprensa operária, que ganhou força na primeira metade deste século, se tornando um importante instrumento de propagação das idéias revolucionárias.⁴

No que diz respeito ao anarquismo, as perspectivas trazidas da Europa, apontavam para uma grande rejeição as organizações formais, por parte de seus militantes, o que acabava por dificultar a propagação de seu ideário. É neste ponto que a imprensa libertária ganha destaque. Os anarquistas fundam seus periódicos com objetivo de divulgar suas ideologias políticas, assim como buscando incitar a luta proletária, na tentativa de suprir a ausência de organizações, uma vez que seus jornais assumiam “um grande número de funções normalmente exercidas por uma estrutura organizada”, oferecendo espaços para discussões teóricas, assim como avisos, anúncios e notícias e informações de ordem prática.⁵

Estes periódicos serviam como poderoso instrumento, percorrendo grandes distâncias, levando as idéias anárquicas para as regiões deslocadas dos grandes centros

¹ BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 08-17.

² Idem, p. 12.

³ Idem, p. 39.

⁴ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978, p.19-46.

⁵ GROSSMAN, Hadassa. A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária. *Cadernos AEL*. UNICAMP/IFCH, v.8\9, 1998, p. 70.

de movimentação libertária – artifício muito interessante se considerarmos que se tratava de um país de dimensões continentais. No entanto as dificuldades referentes ao idioma – tanto no que se refere aos imigrantes quanto aos próprios brasileiros das diferentes regiões -, a falta de recursos do setor operário para manterem estas publicações, as perseguições sofridas pelos redatores destes periódicos, e ainda o iletramento das classes populares, apresentavam-se como obstáculos para estas publicações. “O fato de uma publicação existir revelava quase um milagre”.⁶ No entanto, estas publicações não apenas resistiram, como também se tornaram a principal fonte para a pesquisa dos movimentos operários do século XX.

Neste contexto, o jornal *A Plebe*, certamente pode ser citado como um dos mais conhecidos e importantes periódicos da imprensa libertária brasileira, tanto pela extensão do período de sua existência, como pela abrangência de sua circulação. Fundado em junho de 1917 em São Paulo, em plena greve geral, tinha por objetivo servir como instrumento de divulgação das notícias desse conturbado momento, mas acaba firmando-se como importante divulgador do ideário anárquico, mantendo sua circulação até o ano de 1949, com pequenas interrupções motivadas por perseguições policiais⁷, políticas e problemas financeiros. Fundado por Edgard Leuenroth, o jornal teve vários redatores, desde o próprio Edgard, passando por Florentino de Carvalho, Manuel Campos, Pedro Augusto Mota e Rodrigo Felipe.⁸

Muitos eram os temas abordados por este jornal, desde propagandas dos princípios anárquicos, suas ideologias, seus posicionamentos anticlericais e anarcosindicais, denúncias contra abusos policiais e prisões arbitrárias, informações sobre organizações e encontros sindicais e operários, informativos de greves - tanto no que se

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ Na década de 1930 era Rodolfo Felipe quem dirigia *A Plebe*, em uma época em que ainda era possível sentir os abalos causados pela “revolução” de 30 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Era época de intensa perseguição aos anarquistas. Evidentemente, estas perseguições não eram uma grande novidade para os militantes, entretanto foi neste período que se inaugurou um diferencial, o DEOPS-SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo: órgão de repressão política utilizado no governo Vargas para coibir e controlar a existência de focos políticos contrários ao governo instaurado) que passou a funcionar intensa e sistematicamente, tornando mais arriscada a militância efetiva. Nos anos de 1934 e 1935, tanto o diretor do jornal Rodolfo Felipe, que havia sido preso algumas vezes, quanto o próprio periódico *A Plebe*, experimentaram um período de “sossego”.

⁸ DEMINICIS, Rafael Borges e REIS FILHOS, Daniel Aarão. *História do Anarquismo no Brasil* vol. I. Niterói – RJ: Mauad X, 2006, p. 113-132.

referiam a movimentos nacionais quanto no âmbito internacional -, convites para confraternizações e piqueniques entre os militantes da causa anarquista, operários e seus familiares, conferências, até críticas ao Partido Comunista, aos bolcheviques e aos integralistas. Do mesmo modo, também a questão da emancipação feminina e a participação das mulheres na vida pública, educação sexual, controle de natalidade, amor livre, estavam presentes em *A Plebe*.

Havia uma preocupação perceptível com questões ligadas ao campo moral nos conteúdos dos discursos publicados em *A Plebe*, além de uma abundância de opiniões pessoais e de debates que aconteciam através das páginas deste periódico. Mas, mesmo que não fosse possível apresentar um programa anárquico único no que se refere às questões morais, havia sim projetos libertários, cujo objetivo estava focado em instituir uma nova moral relativa às relações afetivas, familiares e à moral sexual⁹. Tratava-se da aplicação da liberdade, que pode ser elencada como valor primordial da ideologia anarquista, acompanhada da igualdade.

Ao analisar as páginas de *A Plebe*, é possível perceber que os discursos acerca dos corpos eram construídos pensando-os como instrumentos para uma revolução social, que passaria pelas experiências individuais, com especial destaque aqui para aquelas focadas na sexualidade.

Ao considerarmos que as fábricas eram espaços que buscavam constituir trabalhadores disciplinados, lançando mão de vários artifícios que almejavam a formação do trabalhador ideal, concebido dentro de uma perspectiva higienista, constituído nos modelos emergentes normativos de família¹⁰, podemos perceber o viés subversivo dos discursos anarquistas relacionados à moral e as expectativas revolucionárias depositadas nas possibilidades de experiências apresentadas através destes.

Entendendo aqui que o corpo é o instrumento pelo qual a experiência¹¹ se efetiva, e que este não precisa ser entendido apenas como “objeto da cultura, mas também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos, mas

⁹ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.95.

¹⁰ RAGO, 1985, p. 17-18.

¹¹ CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto alegre: Ed. UFRGS, 2008.

como produtor de sentido”¹², é possível perceber a intencionalidade da inclusão das temáticas relacionadas ao corpo apresentadas nos discursos anarquistas presentes no jornal *A Plebe*.

Desta forma está proposto o desafio de pensar o conteúdo destes discursos para além de uma análise focada na perspectiva moral¹³, uma vez que estes desejavam imputar uma força política aos corpos, contrapondo-se aos discursos médicos de higienização e normatização, assim como a disciplina fabril, vigentes no período, afastando-se do modelo de operariado ideal, contrapondo-se a uma “tecnologia política do corpo”¹⁴, em prol da revolução social.

Na produção destes discursos, os anarquistas e as anarquistas, nas páginas de *A Plebe*, “desnudam os corpos” ao se proporem a discutir amor livre, educação sexual, casamento indissolúvel, emancipação feminina, aborto, vasectomia, anticoncepcionais e prostituição, desvinculando estes temas do campo puramente moral e ligando-os ao campo social, e especialmente, ao campo das experiências.

Estariam os discursos anárquicos de *A Plebe* buscando entender os corpos como produtores de cultura, não somente como produto desta, na tentativa de promover novos sentidos às experiências sociais?

Liberdade para a vida, liberdade para o amor.

O anarquismo¹⁵, movimento nascido na final do século XIX, é talvez, dentre as muitas filosofias políticas e os muitos idealismos que despontaram com a modernidade na civilização ocidental, um dos que mais tem sido alvo de equívocos e más interpretações. Por vezes, ser tachado de anarquista sugeria um insulto e muitos de seus

¹² MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade: abordagens antropológicas. *Esboços*. PPGH\UFSC, v.9, 2001, p.88.

¹³ Uma pesquisadora que realizou importantes análises neste sentido foi Margareth Rago, indubitavelmente uma referência no que se refere ao tema.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 24ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

¹⁵ Historicamente o anarquismo surge como movimento organizado durante a Associação Internacional dos trabalhadores (também chamada de Primeira Internacional), em 1864, quando passam a distinguir-se efetivamente dos marxistas. In: WALTER, Nicolas. **Do Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 09-10.

militantes foram classificados como baderneiros e terroristas¹⁶ - representação construída a partir do pressuposto de que anarquistas, em sua grande maioria, acreditariam em uma insurreição violenta como forma de destituir a ordem vigente. Mas, por certo, não há como negar que a ideologia anarquista, que prega a abolição das leis e do governo, acabou por alimentar todo um contexto representativo de um estado de anomia social¹⁷ no senso comum, diferente do que era defendido por seus pensadores, que acreditavam na emergência de uma ordem de autogestão, baseada na liberdade individual, no que Mikhail Bakunin, revolucionário russo, chamou de “reino da cooperação livre”¹⁸.

O conceito de liberdade pode, deste modo, ser elencado como elemento chave para a compreensão da ideologia anarquista. Todas as correntes de pensamento anarquista¹⁹ pautaram-se, em seus discursos, na autogestão e na liberdade individual, estendendo-as para além do espaço público, alcançando todos os espaços da vida humana, inclusive nas relações de gênero.²⁰ É possível relacionar os discursos anarquistas, apresentados como uma proposta ideológica imbuída do objetivo de transgredir das regras morais vigentes, com a tentativa de se construir “corpos anárquicos”, cuja sexualidade não fosse gerida por preceitos religiosos, mas que estivessem pautados na liberdade individual. O corpo não aparece apenas como um

¹⁶ A vinculação entre o anarquismo, o terrorismo e a violência é perceptível na representação estereotipada mais popular referente ao militante: o anarquista com uma bomba debaixo do sobretudo, ou portando-a enquanto caminhava sorrateiramente.

¹⁷ Conceito desenvolvido pelo sociólogo Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo, Martin Claret, 2008.

¹⁸ BAKUNIN, M. **Conceito de Liberdade**. Portugal, Porto: Ed. RES, 1975.

¹⁹ Apesar de ser considerada – a grosso modo - como uma ideologia única, muitas são as perspectivas pelas quais o anarquismo foi desenvolvido por seus pensadores, abrindo-se em várias correntes da ideologia anárquica, como por exemplo: o anarquismo filosófico, individualismo libertário, federalismo, anarco-sindicalismo, entre outros.

²⁰ “Não obstante, se bem que a família possa ser uma coisa natural, não é mais necessária; uma contracepção eficaz e uma inteligente partilha das tarefas desembaraçaram a humanidade da alternativa entre o celibato e a monogamia. Um casal não é mais obrigado a ter crianças e as crianças podem ser educadas por mais ou menos pessoas do que dois pais. Pode-se viver só e contudo ter parceiros sexuais, ou viver em comunidade sem parceiros permanentes nem parentesco oficial. Sem dúvida alguma, continuar-se-á a praticar certas formas de casamento e a maioria das crianças será educada num quadro familiar, aconteça o que acontecer à sociedade; mas poderá haver uma grande variedade de acordos pessoais no interior duma só comunidade. A exigência fundamental é que as mulheres estejam libertas da opressão masculina e que as crianças estejam libertas da opressão dos pais. O exercício da autoridade não é melhor no microcosmo familiar do que no macrocosmo social.” WALTER, Nicolas. **Do Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 33.

instrumento para que a revolução se efetive, e o Estado possa ser abolido, mas como o próprio espaço da revolução proposta.

Estes corpos que emergem nos discursos anárquicos, são dotados de sexualidades e desejos que não ficavam relegados ao segundo plano, mas que se destacavam como importantes elementos de poder²¹, pois seria a partir das transgressões morais e o rompimento com as normatizações religiosas que se poderia, enfim, cultivar a cultura da liberdade, o anarquismo na prática.

Em uma perspectiva voltada apenas para o âmbito discursivo, é possível afirmar que o anarquismo se diferenciava dos demais discursos de cunho socialista – mesmo que hajam outros pontos mais explorados pelos estudiosos –, por sua preocupação com os corpos e o exercício das sexualidades de seus militantes. Neste sentido, uma questão ganhou destaque nas publicações anarquistas durante todo o século XX: o amor livre. Tal tema se encontrava presente em jornais de forte expressão no movimento anarquista da primeira metade do século XX, como por exemplo, nas páginas do periódico *A Plebe*, onde não raramente encontravam-se textos em sua defesa:

Nós entendemos amor livre o direito de amar livremente para ambos os sexos, o direito da mulher escolher livremente o eleito de seu coração, sem encontrar no caminho da suas inclinações os obstáculos da tirania paterna ou preconceitos de uma sociedade baseada na mentira religiosa, na mentira sexual e na mentira do amor. (A PLEBE 17/08/1935)

Desde o século XIX os ideários anarquistas discutiam temas relacionados à moral, casamento, sexualidade e aos corpos masculinos e femininos, temas compreendidos como parte integrante da vida humana, e lugar onde também a liberdade individual deveria ser preservada²². Nesta propaganda anarquista é possível entender que “o corpo não é um objeto em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura.”²³

Dentro de uma perspectiva foucaultiana, é possível perceber a resistência às tecnologias políticas e suas formas de vigilância sobre o corpo presentes no sistema fabril do final do século XIX e início do século XX nos discursos anárquicos desse

²¹ Adotando o conceito de poder a partir das perspectivas apontadas por Michel Foucault.

²² GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 1998.

²³ CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008, p.102.

período, sendo exemplo à defesa ao amor livre, que consistia, na verdade, em uma crítica ao modelo da norma burguesa de família. Como artifício discursivo, utilizava-se a idéia de que este amor livre estaria ligado ao direito ao amor como um sentimento natural, “menos a uma proposta de variação de parceiros, do que a crítica à institucionalização dos sentimentos em formas rígidas e envelhecidas”²⁴. Era a maneira com que os libertários, assim como as libertárias, questionavam a disciplinarização do amor e do sexo, uma tentativa de constituição de saberes que poderiam resistir à disciplina que visava fabricar corpos submissos, “dóceis”, cuja normatização objetivava aumentar “as forças do corpo (em termos econômicos e de utilidade) e diminuir essas mesmas forças (em termo políticos de obediência)”²⁵.

É bem verdade que o tema “amor livre” não era questão pacífica entre os anarquistas brasileiros e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a concepção de amor livre – visando à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela doutrina anárquica.

É importante destacar que a produção destes discursos, apesar de considerados avançados para o período, tinham influências provenientes do movimento anárquico existente fora das fronteiras brasileiras, como é o caso da influência exercida por Emma Goldman²⁶, assim como de algumas personalidades como a brasileira Maria Lacerda de Moura²⁷, que em seus muitos escritos defendia veementemente o direito ao prazer sexual feminino.²⁸

²⁴RAGO, Margareth. Do amor Livre. In: *Revista Libertárias*: Revista de Cultura Libertária, n. 03. São Paulo, set. 1998, p.11.

²⁵FOUCAULT, 1987, p. 119.

²⁶Nasceu em 1869, na Rússia, mas em 1886 migrou para a América, onde trabalhou como operária. Tida como uma “oradora nata” realizou inúmeras conferências em prol da emancipação feminina. Foi presa várias vezes. Participou como colaboradora em diversos jornais anarquistas, até que passou a publicar sua própria revista chamada *Mother Earth*. Morre em fevereiro de 1940.

²⁷Outras militantes anarquistas de destaque também tiveram textos seus citados em *A Plebe*, como por exemplo: Anita Figueiredo e Sônia Oiticica, entre outras.

²⁸Uma obra de referência esta autora, no que se refere ao liberação sexual feminina, foi: *A mulher é uma degenerada?*, publicado na década de 1930.

Percebendo que havia nos discursos anarquistas deste periódico, um especial destaque a liberdade focada nos corpos do proletariado, tanto masculinos quanto femininos, e compreendendo que este periódico tinha objetivo claro de doutrinação e divulgação dos ideais anárquicos, surge a questão: os discursos políticos libertários buscavam influenciar as construções das experiências percebidas através dos corpos?

Ao analisar as páginas de *A Plebe*, é possível perceber que os discursos acerca dos corpos eram construídos pensando-os como instrumentos para uma revolução social, que passaria pelas experiências individuais, com especial destaque aqui para aquelas focadas na sexualidade.

Ao considerarmos que as fábricas eram espaços que buscavam constituir trabalhadores disciplinados, lançando mão de vários artifícios que almejavam a formação do trabalhador ideal, concebido dentro de uma perspectiva higienista, constituído nos modelos emergentes normativos de família, podemos perceber o viés subversivo dos discursos anarquistas relacionados à moral e as expectativas revolucionárias depositadas nas possibilidades de experiências apresentadas através destes.

É bem verdade que o tema “amor livre” havia gerado muitos debates nas páginas de *A Plebe*, e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando não apenas para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a concepção de “amor livre” – no sentido de que visavam à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela doutrina anárquica.

Desta maneira, em alguns textos é possível encontrar percebermos, por exemplo, contraposições aos saberes médicos, em um momento em que os saberes da medicina contavam com um forte status de legitimidade, como é perceber no trecho selecionado abaixo, em que há uma crítica ao entendimento da prostituição como fruto de patologia:

Esses médicos e sociólogos, que sempre viveram confortavelmente, vão descobrir em todas as prostitutas supostas taras hereditárias no sistema nervoso, ou então, pronunciada preguiça e incapacidade para a luta (...). Dessas supostas taras hereditárias (...) eles, os “homens da ciência”, procuram fazer todo o fundamento da prostituição. (A PLEBE, 19/01/1935).

No que se refere a prostituição, muitos eram os artigos divulgados em *A Plebe*, apresentando-a como uma “calamidade muito antiga” e como uma cruel forma de “exploração” feminina, à qual a mulher é obrigada a recorrer diante do sistema capitalista em que se encontra inserida, não estando de forma alguma ligada a patologias, mas a contexto de miséria e desigualdade social. Desta forma, a luta pelo fim da prostituição não estava atrelado a questões ligadas a moral cristã de negação da sexualidade, mas se encontrava vinculada, nesta construção discursiva, a busca pela libertação das mulheres da prostituição, do mesmo modo que se fazia necessário libertar também as operárias do sistema fabril. Pois, “Cabe a nós anarquistas, amantes da liberdade e da justiça reabilitar a mulher tão oprimida(...)” (A PLEBE 28/09/1935).

A resistência anarquista as “tecnologias políticas” de vigilância da sexualidade podem ser percebidas também em seu projeto de educação sexual, que ambicionava educar as futuras gerações para uma maior autonomia em relação a seus próprios corpos. Estas campanhas pela educação sexual, tão caras aos anarquistas, eram também seguidas por campanhas realizadas pela própria Igreja Católica, que desde 1931, com a sanção do Papa, proíbe formalmente os pais católicos e professores de esclarecerem os filhos ou alunos – de ambos os sexos - a respeito de assuntos sexuais, sendo que somente os padres ficariam autorizados, em “casos urgentes”, a dar explicações sobre o tema.²⁹

As discussões referentes à sexualidade em *A Plebe* caminhavam na contramão dos demais discursos hegemônicos vigentes no Brasil desta primeira metade do século XX. Atuando como um agressivo contraponto, que apesar de não ter alcançado seu maior objetivo de construção de uma sociedade igualitária sem Estado, inaugurou muitas discussões, que apenas seriam retomadas no final deste século.

Considerações Finais

Estes são apenas alguns vislumbres da amplitude das discussões que estavam postas nas páginas deste importante impresso anárquico, mas que sinalizavam para as mudanças (e resistências) relacionadas à sexualidade e ao corpo que já se encontravam

²⁹ RIBAS, Ana Claudia. *A “Boa Imprensa” e a “Sagrada família”*: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Florianópolis, UDESC, 2009. Dissertação de Mestrado.

em curso na modernidade ocidental³⁰, e que portanto não podem ser considerado um estudo conclusivo ou acabado, pois as análises referentes a corporalidade a partir da proposta anárquica de formação de corpos revolucionários, capazes de se contraporem a tentativa de formação de “corpos dóceis”, presentes nas páginas de *A Plebe*, possuem muitos outros elementos que não foram contemplados neste artigo, mas que sinalizam para novas perspectivas de análises neste tão instigante tema, para além de uma simples análise pelo viés da moralidade, na tentativa de apresentar a profundidade que pode estar presentes nos estudos realizados sob perspectivas interdisciplinares.

³⁰ GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.